

GUERRA IRREGULAR: A BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA COMO FORÇA DE PACIFICAÇÃO NO COMPLEXO DA MARÉ

General de Brigada Roberto Escoto

O General de Brigada Combatente Escoto é o 4º Subchefe do Estado-Maior do Exército. Foi declarado Aspirante a Oficial de Infantaria em 1982. Possui o Curso de Forças Especiais e o Mestrado em Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB). No exterior, foi assessor de paraquedismo e de operações especiais no Paraguai, observador militar no Equador e no Peru, oficial de operações da Brigada de Força de Paz no Haiti, Chefe da Comissão do Exército Brasileiro em Washington (CEBW) e oficial do Departamento de Operações de Paz das Nações Unidas em Nova Iorque. Como Tenente-coronel, comandou o 6º Batalhão de Infantaria Leve e, como General, a Brigada de Infantaria Paraquedista, base da Força de Pacificação MARÉ (escoto@uol.com.br).



"Although differences between gangs and insurgents regarding motives and modes of operations exist, this linkage infers that third generation gangs (3G2) are mutated forms of urban insurgency."

Max G. Manwaring (Ph.D. in Political Science),
U.S. Army War College [1]

A Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) e a 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel (12ª Bda Inf L Amv) são as brigadas de infantaria do Exército Brasileiro (EB) que, além de integrarem as Forças de Atuação Estratégicas (FAE), também constituem as Forças de Ação Rápida Estratégicas (FAR-E), pois possuem a capacidade de pronta resposta e de projeção de força em qualquer parte do território nacional e no entorno estratégico do país. É por estas mesmas razões que, nos melhores exércitos do mundo, tropas paraquedistas e aeromóveis são as primeiras a serem empregadas como forças expedicionárias.

Nos conflitos irregulares assimétricos do século XXI, o emprego de forças de operações especiais (FOpEsp) e de forças convencionais (F Conv) paraquedistas e aeromóveis aptas a

intervir, com rapidez e eficácia, como forças de contingência em situações de crise e de conflito, tem sido cada vez mais frequente. A 82nd Airborne Division, a 101st Airborne Division e a 173rd Airborne Brigade, dos EUA, e a 16th Air Assault Brigade, do Reino Unido, tiveram papel preponderante nas operações de combate a grupos de violência extremista no Afeganistão e no Iraque, assim como a 11e Brigade Parachutiste, da França, no Afeganistão e no Mali.

A violência extremista é o resultado de crenças e ações de indivíduos ou grupos que empregam a violência para a consecução de objetivos de natureza política, ideológica, social, étnica ou religiosa. Inclui a insurgência, a subversão, o terrorismo e outras formas de violência comum [2]. As forças irregulares constituem o braço armado desses grupos que recorrem à guerra irregular para alcançar seus objetivos.

O mesmo aconteceu no Brasil quando o Exército foi empregado no combate à violência extremista nos anos 60 e 70 e nas situações de crise na segurança pública em diversos Estados da federação, provocadas por inexistência, insuficiência ou indisponibilidade dos órgãos de segurança pública estaduais. Historicamente, a Bda Inf Pqdt tem sido a primeira tropa a ser empregada para cumprir estas missões constitucionais.

Em 1994 e 1995, a Bda Inf Pqdt, reforçada por batalhões de infantaria do EB e da Força Aérea Brasileira (FAB), foi empregada na Operação Rio, devido ao aumento da violência nos morros e sua extensão para outros bairros da cidade, que criou um clima de insegurança implantado pelos narcotraficantes e as diversas gangues frequentadoras de bailes

funk, consumidoras de drogas e promotoras de arrastões.

De novembro de 2010 a fevereiro de 2011, diante de mais uma crise de segurança pública na cidade do Rio de Janeiro, que sediaria uma sucessão de grandes eventos de repercussão internacional, a Bda Inf Pqdt foi a primeira grande unidade (GU) a ser empregada na Operação Arcanjo, nos complexos de favelas do Alemão e da Penha, numa Operação de Pacificação (Op Pac) demasiadamente longa que duraria 583 dias.

Em abril de 2014, após diversos ataques às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que causaram inúmeras mortes de policiais militares e danos às suas instalações, material e viaturas, uma vez mais a tropa paraquedista foi a primeira a ser empregada na difícil missão de pacificar o maior complexo de favelas do RJ, com quinze comunidades e uma população de cerca de 140.000 habitantes, equivalente a uma cidade brasileira de médio porte, aterrorizada pela ação violenta de três facções criminosas rivais que utilizam táticas, técnicas e procedimentos de grupos de violência extrema – o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e as milícias.

A raiz histórica disso é a origem do CV, que descende da Falange Vermelha, criada em 1979 na prisão Cândido Mendes, na Ilha Grande, em Angra dos Reis, como uma organização criminosa formada por presos comuns e presos políticos. No início dos anos 80, os primeiros presos foragidos da Ilha Grande começaram a pôr em prática os ensinamentos do Minimanual do Guerrilheiro Urbano de Carlos Marighella, adquiridos ao longo dos anos de convivência com os terroristas, organizando e praticando numerosos assaltos a bancos, empresas e joalherias.

Ainda no início da década de 90, o

CV influenciou a criação do Primeiro Comando da Capital (PCC), em São Paulo, cujo envolvimento com o grupo terrorista *Hezbollah* desde 2006, na região da tríplice fronteira Brasil–Argentina–Paraguai, tem ficado cada dia mais evidente após novas investigações da Polícia Federal [3].

Outro forte indício da associação do crime organizado e do narcotráfico com grupos de violência extrema é que, em abril de 2001, o traficante Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar, líder do CV, foi preso na Colômbia onde, segundo investigações, negociava a troca de armas por cocaína com guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) [4].

Este artigo analisa as fases de planejamento, preparo e emprego da Bda Inf Pqdt na pacificação do Complexo da Maré e apresenta as principais lições aprendidas e os resultados da operação. Examina, ainda, seus reflexos para a organização, o adestramento, o equipamento e a doutrina de emprego das brigadas de infantaria do EB, destacando a importância do preparo para operações contra forças irregulares em ambiente

Após diversos ataques às UPPs, inúmeras mortes de policiais militares e danos às suas instalações, material e viaturas, a Bda Inf Pqdt foi a primeira a ser empregada na missão de pacificar o maior complexo de favelas do RJ, com uma população de cerca de 140.000 hab.

urbano e rural.

PLANEJAMENTO DA OPERAÇÃO

A pacificação do Complexo da Maré foi planejada e executada como uma operação no amplo espectro, dentro de um ambiente operacional bastante complexo, instável e incerto. O planejamento deu ênfase às operações de inteligência, às operações especiais, às operações de informação, às operações interagências e às operações contra forças irregulares em ambiente urbano.

A alta porcentagem de efetivo profissional da tropa paraquedista (cerca de 80%) permitiu constituir três Forças-Tarefa Batalhão de Infantaria Paraquedista (FT BIPqdt) somente

OPERAÇÃO

● **Pacificação do Complexo da Maré já havia sido adiada três vezes**

● UPPS QUE TIVERAM CONFRONTO NESTE ANO



- Milícia**
 - 1 Praia de Ramos
 - 2 Parque Roquete Pinto
- Comando Vermelho**
 - 3 Parque União
 - 4 Parque Rubens Vaz
 - 5 Nova Holanda
 - 6 Parque Maré
- Terceiro Comando Puro**
 - 7 Conjunto Nova Maré
 - 8 Baixa do Sapateiro
 - 9 Morro do Timbau
 - 10 Conjunto Bento Ribeiro Dantas
 - 11 Vila dos Pinheiros
 - 12 Conjunto Pinheiros
 - 13 Conjunto Novo Pinheiros (Salsa e Merengue)
 - 14 Vila do João
 - 15 Conjunto Esperança

Mapa do Complexo da Maré.

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

com cabos e soldados do núcleo-base (NB), sem interromper a formação paraquedista de cerca de 1.200 recrutas incorporados em 2014. Sua elevada capacidade de pronta resposta possibilitou que num período de apenas duas semanas após o seu acionamento (de 21 Mar a 04 Abr), a Bda Inf Pqdt estivesse totalmente pronta para o desencadeamento da operação, após a realização de reconhecimentos terrestres e aéreos, planejamentos detalhados, aprestamento e transmissão de ordens.

A Força de Pacificação Maré (F Pac MARÉ) foi constituída por um Estado-Maior Conjunto; 03 Forças-Tarefa Batalhão de Infantaria Paraquedista (FT BIPqdt) [FT AFONSOS, FT SANTOS DUMONT e FT VELAME]; o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais

MARÉ (GptOpFuzNav-MARÉ); 01 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado do 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec/15º RC Mec); 01 Força-Tarefa de Operações Especiais (FTOpEsp); a 1ª Companhia de Engenharia de Combate Paraquedista (1ª Cia E Cmb Pqdt); a 20ª Companhia de Comunicações Paraquedista (20ª Cia Com Pqdt); 01 Destacamento Logístico do 20º Batalhão Logístico Paraquedista (Dst Log/20º BLog Pqdt); Elementos (Elm) de Inteligência (Intlg), Comunicação Social (Com Soc), Guerra Eletrônica (GE), Aviação (Av) e Assessoria Jurídica (Ass Jur)/CML; tropas da F Pac [Cia Cmdo Bda Inf Pqdt (+ 36º Pel PE Pqdt, 01 Pel/BPE e 01 Pel/BG)]; e o 1º Esqd Cav Pqdt e 01 PelFuzNavMec (hipotecado) em Reserva. Além disso, a F Pac recebeu 01 Cia

da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) sob controle operacional [5]. O efetivo total empregado foi de 2.576 militares e policiais militares, dos quais 1.439 da Bda Inf Pqdt (56% do efetivo da F Pac).

A missão da F Pac MARÉ foi, a partir de 050000Abr14 (00:00 horas do dia 5 de abril de 2014), realizar a interdição e o investimento a pé, motorizado e mecanizado sobre toda Área de Operações Maré (A Op MARÉ); substituir as tropas da PMERJ que estavam operando na área; e conduzir operações para pacificar A Op MARÉ, em conjunto com os Órgãos de Segurança e Ordem Pública (OSOP) e outras agências civis (governamentais e não governamentais). Para isso, proteger a população; impedir e reprimir as ações das facções criminosas; prender seus integrantes; e apreender armamento, munição, drogas e outros materiais ilícitos [6].

A intenção do Comandante da Brigada (Cmt Bda) era explorar ao máximo a inteligência, as operações especiais, as operações de informação; a ofensiva, a surpresa e a massa; estabelecer pontos fortes; realizar operações de saturação de patrulhamento a pé, motorizado e mecanizado; vasculhamento; busca e apreensão; e conquistar o apoio da população da área – centro de gravidade da operação – num esforço integrado, coordenado e sincronizado de operações interagências. Tudo com a finalidade de suprimir ou reduzir a liberdade de ação das facções criminosas e estabelecer e manter um ambiente seguro e estável para a população da área [7].

O estado final desejado (EFD) era a conquista do apoio ativo da população e a desarticulação das facções criminosas no interior da A Op. Isto contribuiria para assegurar um ambiente seguro e estável (objetivo estratégico) e para criar as condições adequadas para a instalação de UPPs na A Op MARÉ (objetivo político).

A escolha do apoio da população como centro de gravidade significa que a F Pac enfatizou as operações centradas na população (*population-centric operations*), nas quais há preponderância do estudo e aproveitamento do terreno humano sobre o terreno físico. Dentre os fatores da decisão, as considerações civis tiveram altíssima prioridade. Além disso, as operações de inteligência não se limitaram ao levantamento de informações sobre as forças oponentes, como ocorre em conflitos convencionais entre atores estatais. A inteligência também priorizou a coleta e a busca de informações sobre a população – centro de gravidade dos conflitos irregulares assimétricos do século XXI. De acordo com o Gen Stanley McChrystal, Comandante da *International Security Assistance Force (ISAF)* no Afeganistão, de 2009 a 2010, “*protecting the people is the mission. The conflict will be won by persuading the population, not by destroying the enemy*” [8].

PREPARO DA TROPA

Há que se destacar que os primeiros cursos operacionais do EB – Precursor Paraquedista, Operações Especiais (OE) e Ações de Comandos



– nasceram na Bda Inf Pqdt nas décadas de 50 e 60. Além disso, em 1964, foi criado o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) e, em 1967, o Departamento de Instrução Especial (DIEsp) da AMAN, atualmente Seção de Instrução Especial (SIEsp), ambos com a participação de oficiais paraquedistas como instrutores. Diante disso, a Bda Inf Pqdt pode ser considerada pioneira da instrução especial do Exército Brasileiro, particularmente das táticas, técnicas e procedimentos (TTP) das operações contraguerrilha que foram difundidas para o restante da F Ter.

O novo manual de Operações de Pacificação do Exército (EB20-MC-10.217) estabelece três fases para o emprego da F Ter nas Op Pac: a intervenção, a estabilização e a normalização (*clear, hold and build phases*)[9]. A fase de intervenção tem foco principal nas ações coercitivas, em ambiente urbano ou rural. Na fase de estabilização existe um equilíbrio de ações coercitivas e construtivas, enquanto que na fase de normalização predominam as ações construtivas para o desenvolvimento de um ambiente favorável à retomada do controle do Estado sobre a área de pacificação [10].

Para conduzir ações coercitivas com a aplicação do poder de combate terrestre, normalmente em ações conjuntas para neutralizar as forças oponentes, é imperioso que a F Pac esteja apta a planejar e executar Operações contra Forças Irregulares (Op C F Irreg) em ambiente urbano e rural.

As Op C F Irreg incluem: operações de interdição de apoio externo; operações de controle da população e dos recursos locais; operações tipo polícia; operações de

recuperação das infraestruturas básicas e de assistência humanitária; e operações de combate – contraguerrilha, antiterrorismo (ações defensivas de caráter preventivo) e contraterrorismo (ações ofensivas de caráter repressivo realizadas exclusivamente por FOpEsp).

Um erro grave e muito comum é considerar que o preparo da tropa para as operações de garantia de lei e da ordem (Op GLO) seria suficiente para enfrentar e derrotar facções criminosas que operam como F Irreg. Doutrinariamente, no entanto, as Op GLO não incluem as operações de combate, que são específicas das Op C F Irreg

[11]. É bastante válida a máxima de “quem pode mais pode menos”. A tropa adestrada para Op C F Irreg está apta a executar Op GLO; mas aquela que se adestra apenas para Op GLO não está apta a executar Op C F Irreg.

Destaca-se que o Manual de Operações de Pacificação, acertadamente, incluiu as ações de combate das F Convl e as ações diretas das FOpEsp entre as demais capacidades

coercitivas que as F Pac devem possuir para neutralizar as forças oponentes [12]. O manual também define que as Op Pac ocorrem, normalmente, em um quadro caracterizado pela ruptura da lei e da ordem, em Op C F Irreg (nacionais ou estrangeiras), em calamidades de grandes proporções na natureza, dentre outras [13].

Na atualidade, somente o Comando de Operações Especiais (COEsp) tem como objetivo de adestramento (OA), previsto no Programa de Instrução Militar aprovado pelo Comando de Operações Terrestres (PIM/COTER), realizar Op C F Irreg. Na opinião

Para conduzir ações coercitivas com a aplicação do poder de combate terrestre, normalmente em ações conjuntas para neutralizar as forças oponentes, é imperioso que a F Pac esteja apta a planejar e executar operações contra forças irregulares em ambiente urbano e rural.

do autor, a partir do surgimento das Op GLO, ao final da década de 90, deixou-se de dar prioridade ao preparo das brigadas de infantaria para esse tipo de operação extremamente importante nos conflitos irregulares assimétricos deste século. A constatação disso é que, em 2002, quando da aprovação das Instruções Provisórias IP 85-1 – Op GLO, foram revogados o Manual de Campanha C 31-16 – Op C F Irreg em Ambiente Rural, as IP 31-15 – O Pequeno Escalão nas Operações Contraguerrilha e as IP 31-17 – Operações Urbanas de Defesa Interna.

Não se pode ignorar o fato de que grupos de violência extremista associados a organizações criminosas, tais como as FARC, o Sendero Luminoso, o Exército do Povo Paraguaio (EPP) e o *Hezbollah* atuam em países fronteiriços e constituem uma ameaça à paz e à segurança nacional por meio da violação de nossas fronteiras para o contrabando e o tráfico de armas, drogas e pessoas ou, na pior das hipóteses, por meio da execução de ações terroristas no interior de nosso território. A conjuntura atual impõe o preparo das Brigadas de Infantaria para Op C F Irreg.

Como a Bda Inf Pqdt foi o primeiro contingente a ser empregado no Complexo da Maré, não houve tempo de preparação específica da tropa para a operação. No entanto, isso foi superado pelo fato de que parte do efetivo já havia participado da Op Arcanjo, nos Complexos do Alemão e da Penha, e porque as operações no amplo espectro, especialmente as Op C F Irreg, com maior foco na contraguerrilha e no antiterrorismo, têm recebido grande ênfase no adestramento da tropa paraquedista. Nos anos de 2012, 2013 e 2014, a Operação Saci, tradicional exercício do Programa de Adestramento Avançado (PAA) da Bda, foi planejada e executada com tropa no terreno, dentro de um quadro de conflito irregular assimétrico extrarregional, no qual a Bda fazia parte da força militar de uma coalizão multinacional e iniciava seu desdobramento por meio de uma incursão

aeroterrestre na A Op.

EMPREGO DA TROPA

Comando e Controle

A instalação prévia das antenas repetidoras do Sistema Tetra e a utilização das instalações do CPOR/RJ como base de operações da F Pac (BOPFPac), onde já havia link microondas do 2º CTA, facilitaram o funcionamento de um adequado sistema de comando, controle, comunicações, computação, inteligência, vigilância e reconhecimento (C4IVR), que foi vital para o êxito das operações.

As equipes do 2º CTA contribuíram com a 20ª Cia Com Pqdt na montagem da rede local de dados da BOPFPac, proporcionando conexão de alta velocidade (20 MB) e telefonia VoIP. O pessoal do BEsCom contribuiu na configuração das redes rádio troncalizadas. Foram usados 260 rádios troncalizados e 200 não troncalizados para mobiliar as redes de comando da F Pac e as redes internas das unidades (U) e subunidades (SU) subordinadas, proporcionando comunicações seguras com criptografia. Foi instalado um link de dados entre o COp/CML e a BOPFPac, o qual foi posteriormente estendido também para as BOP das FT BIPqdt e do GptOpFuzNav [14].

A utilização do sistema Olho da Águia, da Av Ex, possibilitou monitorar em tempo real, na BOPFPac, diversas operações executadas pela tropa, garantindo consciência situacional e facilitando a tomada de decisões do Cmdo F Pac. A capacidade de gerar imagens termais das aeronaves HS-1 Seahawk, da Marinha, e HA-1 Esquilo, do Exército, permitiu identificar nitidamente indivíduos armados de fuzil e pistola em deslocamento noturno no interior da A Op.

Um meio de comunicação que se mostrou bastante eficiente foi o uso do aplicativo *whatsapp* para *smartphones*, que possibilitava comunicação em tempo real entre as BOP e as tropas desdobradas na A Op. Esse recurso também permitiu a comunicação com informantes, inclusive com o envio de imagens.



Imagens termais identificando fuzil e pistolas.

Outra ferramenta prática que contribuiu para a consciência situacional foi o Sistema Pacificador, que transmitia à BOPFPac os diversos incidentes ocorridos com a tropa.

Inteligência

Um acurado e eficaz Sistema de Inteligência é condição imprescindível para o êxito das Op Pac. Para isso, foi estabelecida uma central de inteligência, chefiada pelo D/2 e constituída pelo pessoal da 2ª Seção da Bda Inf Pqdt e reforçada por elementos de inteligência e contra-inteligência do Centro de Inteligência do Exército (CIE). Foi fundamental a realização de reuniões periódicas do Cmdo F Pac com representantes dos órgãos de inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Estado do RJ, da

Polícia Federal, da Polícia Civil e da Polícia Militar, a fim de estabelecer laços pessoais de confiança mútua e canais técnicos para o compartilhamento, análise e difusão de informações.

O planejamento e a condução das operações da F Pac MARÉ foram bastante facilitados, tendo em vista o levantamento estratégico de área (LEA) elaborado e atualizado em anos anteriores diante da hipótese de emprego da Bda Inf Pqdt naquela A Op. Entretanto, a falta de um estudo prévio do terreno humano, em virtude da cultura do combate convencional da inteligência focada no inimigo (*enemy-centric intelligence*), teve que ser compensada, após o início das operações, pelas operações de reconhecimento especial

da FTOpEsp e pelo trabalho do Destacamento de Operações de Apoio à Informação (DOAI), da Célula de Cooperação Civil-Militar (CIMIC) e das Seções de Inteligência da F Pac, das FT e do GptOpFuzNav. Avulta de importância a necessidade de contar com Equipes de Terreno Humano, integradas por especialistas civis e subordinadas à célula de Op Info.

Em 2011, após o início da Op Pac dos complexos de favelas do Alemão e da Penha, o CIE incluiu na preparação dos contingentes as orientações para a constituição e o funcionamento de Células de Inteligência de Subunidade (*Company-Level Intelligence Cells*) [15], explorando lições aprendidas do Exército e dos Fuzileiros Navais dos EUA na guerra do Afeganistão [16].

Aproveitando a experiência brasileira em Op Pac, a Bda Inf Pqdt determinou o emprego dessas células em todas as subunidades (SU) operacionais da F Pac Maré, pois são as pequenas frações que, imersas no terreno humano, têm melhores condições para a obtenção de dados.

À célula de inteligência, constituída pelo subcomandante da subunidade (SCmt SU) e os sargentos da seção de comando, cabia coordenar os esforços de coleta de dados por parte dos pelotões e grupos de combate, realizando *briefings* na partida e no retorno das patrulhas à base da SU, ficando em condições de apresentar regularmente ao Cmt SU e ao oficial de inteligência (S/2) uma atualização sucinta do cenário de inteligência no seu subsetor [17].

Diferentemente das operações de combate convencional, nas Op Pac não existe uma dependência muito grande das agências de inteligência dos escalões superiores da Força Terrestre (F Ter). A F Pac recebia cerca de 90% da inteligência válida dos escalões subordinados, dos dados obtidos pelas células de inteligência das subunidades e dos relatórios de patrulhas. Outra fonte importante eram os informantes, que se comunicavam por contatos pessoais,

pelo *whatsapp* ou pelo disque-pacificação implantado pela F Pac.

A inteligência de imagens (*IMINT*) foi obtida por meio de imagens satelitais, cedidas pela 5ª Divisão de Levantamento ou levantadas com a ferramenta *Google Earth*, por meio da vigilância por helicópteros e por um sistema de aeronave remotamente pilotada (SARP) do GptOpFuzNav, o CARCARÁ II, de fabricação nacional. A inteligência de sinais (*SIGINT*) foi obtida por meio da interceptação de sinais pela célula de guerra eletrônica (GE) da F Pac e pelas patrulhas que apreendiam equipamentos rádio dos “olheiros” e monitoravam as comunicações das facções, permitindo o levantamento de valiosas informações, tais como: suas posições, rotinas, intenções, formas de atuação e sinais de alerta sobre a aproximação da tropa.

Embora a *IMINT* e a *SIGINT* tenham sido muito importantes, nada substitui a inteligência humana (*HUMINT*) obtida no contato diário com a população local. Para isso, foi preciso que a população do Complexo da Maré se sentisse segura o bastante para fornecer informações, sem medo de represálias do tráfico ou das milícias. O ponto chave para isso consistia em tratar a população local com dignidade e respeito, dentro dos preceitos da lei e dos direitos humanos, com a finalidade de atenuar as reações negativas resultantes das operações de vasculhamento (ação exploratória) e de busca e apreensão (ação direcionada).

Manobra

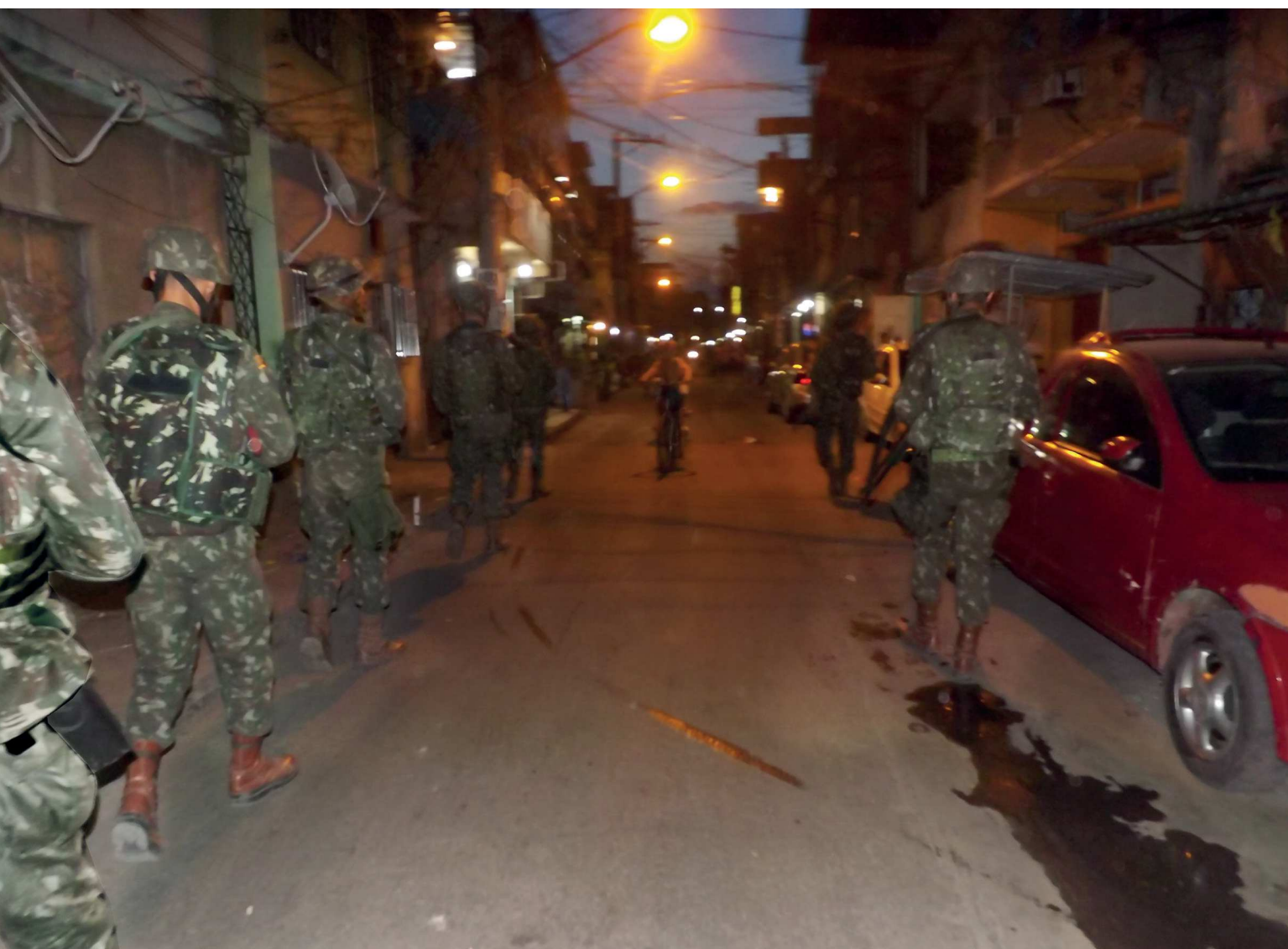
Nas Op C F Irreg, um dos objetivos principais consiste em proporcionar segurança à população para separá-la das forças oponentes e assegurar um ambiente livre da violência e do terror. As pessoas não são o meio de conquistar o objetivo – elas são o objetivo.

Esse tipo de operação emprega grandes efetivos de tropa. Embora as necessidades variem de acordo com o ambiente operacional

e as circunstâncias, uma regra empírica, fundamentada na média de militares desdobrados no primeiro ano de oito operações robustas de imposição da paz [18], diz que, para ser bem-sucedida, a operação precisa de treze integrantes das forças de segurança (forças armadas, polícia e outras instituições semelhantes) para cada 1.000 habitantes [19]. O manual de operações de contrainsurgência do Exército dos EUA, também baseado em dados históricos, estabelece o efetivo de 20 a 25 combatentes para cada 1.000 hab [20]. A F Pac Maré empregou 18 militares para cada 1.000 hab – um efetivo compatível para a natureza da missão.

A operação iniciou com a interdição de todas as vias de acesso no perímetro da A Op pela instalação de pontos de bloqueio; seguida do investimento com o restante da tropa percorrendo, a pé e com viaturas, todas as ruas, becos e vielas; a substituição dos efetivos da PMERJ e a efetiva ocupação da A Op pela F Pac.

A fim de explorar a surpresa, a ofensiva e a dissuasão – características peculiares das tropas paraquedistas –, estava planejada uma ação preliminar noturna com a infiltração aeroterrestre, por salto livre operacional (SLOP), de uma equipe precursora no interior



Patrulhamento a pé.

da Vila Olímpica da Maré, mas não houve condições para sua execução.

Uma força militar não pode ser obrigada a deslocar-se diariamente para a área sob sua proteção – ao contrário, ela deve viver inserida na população a quem deve defender. Para isso, a situação ideal seria o desdobramento das BOpCiaFuz dentro dos seus subsetores. Devido à dificuldade de obterem-se instalações apropriadas cujos proprietários não tivessem medo de represálias, a F Pac conseguiu desdobrar apenas uma Cia Fuz dentro do seu subsetor. No entanto, a existência de quartéis do EB e da FAB no interior e nas proximidades da A Op facilitaram a ocupação de bases com segurança e relativo conforto para a tropa.



Revista de pessoas e veículos.

A partir da ocupação de seus setores de responsabilidade, cada peça de manobra desencadeou um intenso patrulhamento diurno e noturno a pé, motorizado e mecanizado; a instalação de pontos fortes em locais estratégicos e de Postos de Bloqueio e Controle de Vias Urbanas (PBCVU) para a revista de pessoas e veículos. A alteração

constante dos itinerários e horários das patrulhas e a combinação com outras ações táticas visavam a evitar o estabelecimento de rotinas e a obter a iniciativa e a surpresa.

No limite E da A Op, a 1ª Cia E Cmb Pqdt e a FTOpEsp, utilizando botes pneumáticos, mantiveram permanente vigilância e patrulhamento marítimo do Canal do Cunha, que dá acesso à Baía da Guanabara, com a finalidade de reprimir a entrada de armas e drogas.

A presença constante e a atitude dissuasória da tropa nas ruas, com predominância do patrulhamento a pé, além de reduzir a liberdade de ação das facções, contribuíram para a conquista do apoio da população e, conseqüentemente, para a obtenção de informes. Para atenuar a desconfiança e o descontentamento inicial da população local com a presença da tropa foram realizadas várias Ações Cívico-Sociais (ACISO).

Em diversas operações de vasculhamento foram utilizados cães farejadores paraquedistas ou do Batalhão de Ações com Cães (BAC) da PMERJ, a fim de localizar cachês de armamento e de drogas. Cães de ataque também foram empregados para obter efeito dissuasório em operações de controle de distúrbios.

O emprego do 1º Esqd C Pqdt, reserva da F Pac, no patrulhamento de toda a A Op, manteve a reserva apta a atuar em todos os setores com adequado conhecimento dos terrenos físico e humano e alta capacidade de pronta resposta. A utilização de motocicletas *trail*, guarnecidas por motorista e atirador equipados com câmeras táticas tipo *Go Pro*,

pelas FT BI Pqdt, Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt), Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) e Pelotão de Polícia do Exército (Pel PE), aumentou significativamente a mobilidade e a capacidade de reconhecimento num ambiente urbano com predominância de becos e vielas.

Baseado no êxito das ações do Destacamento de Operações Especiais em Missões de Paz (DOPaz) do Batalhão de Infantaria de Força de Paz Brasileiro (BRABAT) no Haiti, pela primeira vez, empregou-se uma FTOpEsp constituindo uma F Pac, o que somente confirmou o adequado preparo técnico-profissional e o efeito multiplicador de força desses especialistas

em guerra irregular. Isto representa uma grande evolução para a F Ter, pois no passado havia resistências ao emprego de FOpEsp em operações de paz e de pacificação. Comandada pelo próprio Cmt 1º BF Esp e integrada por operadores de forças especiais, comandos, caçadores, especialistas em operações de apoio a informação (OAI) e precursores paraquedistas, a FTOpEsp realizou ações diretas e indiretas para cumprir sua missão.

Um exemplo de ação direta muito bem-sucedida foi a operação interagências de busca e apreensão para a captura de um dos mais procurados líderes de facção. Obtida sua localização precisa por meio de um informante, a F Pac, numa ação rápida e cirúrgica, empregou o Esqd C Mec para cercar a área de prédios do Conjunto Esperança, enquanto uma equipe tática da FTOpEsp, reforçada por policiais federais do Comando de Operações Táticas (COT), invadiu o apartamento e efetuou a prisão de dois criminosos armados,

sem causar danos colaterais às duas menores que os acompanhavam. À semelhança do emprego heterodoxo do *Team Tank* – um Esqd CC M1 Abrams que apoiou as ações de FOpEsp norte-americanas no Oeste do Iraque em 2003 [21]–, o apoio do Esqd C Mec à FTOpEsp demonstrou a perfeita integração, coordenação e sincronização que devem existir entre F Convl e FOpEsp.

Há que ser ressaltada a importância das ações indiretas – típicas dos operadores de F Esp – na conquista do apoio ativo da população. Entre essas ações, destaca-se o assessoramento do Destacamento Operacional de Forças Especiais (DOF Esp) e do DOAI ao

Comdo F Pac e aos comandantes de setor na ligação com as diversas agências civis e na realização de reuniões de comando de área. Os líderes locais sabem quem está no comando e se sentiriam desprestigiados se um comandante habitualmente mandasse subordinados conversarem com eles. Pelo contato pessoal, os comandantes puderam compreender melhor os

costumes, as tendências, as aspirações e o comportamento da população e, assim, prever suas ações. Frequentemente, esses contatos também forneciam valiosos informes.

Outra ação indireta muito eficaz foi a atuação do DOAI na disseminação de mensagens por alto-falantes (AF) e panfletos. Durante a missão, a viatura leve AF teve que ser substituída por uma viatura blindada de transporte de pessoal (VBTP) porque estava sendo alvo frequente de disparos das facções.

Segundo Mark Moyer (Ph.D. em História), da *Joint Special Operations University (JSOU)*, “in achieving stability, Village Stability

Nos anos de 2012, 2013 e 2014, a Operação SACI, tradicional exercício do Programa de Adestramento Avançado da Brigada Paraquedista, foi planejada e executada com tropa no terreno, dentro de um quadro de conflito irregular assimétrico extrarregional.



Operations (VSO) demonstrated convincingly the value of the indirect approach as a necessary complement to direct action” [22].

Um dos grandes desafios são as operações interagências, que embora exijam unidade de esforços não podem prescindir da unidade de comando dentro da A Op, onde as forças de segurança estão subordinadas a uma única autoridade militar – o Cmt F Pac. Em Op Pac, estruturas de comando compartilhado com os OSOP não contribuiriam para a ação unificada e comprometeriam o cumprimento da missão. Para facilitar a integração e a coordenação das ações, o Centro de Coordenação de Operações (CCOp) da F Pac deveria contar com a presença permanente de representantes (oficiais de ligação - O Lig) das diversas agências civis envolvidas – federais, estaduais e municipais.

Outra inovação da F Pac Maré foi o emprego de uma célula de Op Info que

integrou, coordenou e sincronizou as atividades das capacidades relacionadas à informação (CRI): Intlg, Com Soc, OAI e GE; e dos recursos relacionados às Op Info: FTOpEsp e célula de CIMIC. Para isso, o Of Op Info elaborou uma matriz de sincronização de Op Info e realizava briefings periódicos com os representantes das diversas células e seções do estado-maior.

O terreno informacional é tão importante quanto os terrenos físico e humano. A percepção que a população tem da realidade é de suma importância. Controlar a “narrativa” é não apenas comunicar bem, mas comunicar primeiro [23]. Diante disso, os comandantes devem ser proativos e não podem ser restringidos no seu contato com a mídia, cuja presença constante e capacidade de difusão imediata influenciam marcadamente as operações militares contemporâneas. Na



A presença constante e capacidade de difusão imediata da mídia.

visão do Cel Mansoor, Cmt Bda *Ready First* no Iraque, “solicitar aprovação para toda e qualquer mensagem, fazendo-a percorrer a cadeia de comando para cima e para baixo é receita certa para o fracasso” [24]. O Cmt F Pac, o Of Op Info e o Of Com Soc participavam semanalmente num programa de uma rádio comunitária local, no qual interagiam ao vivo com os ouvintes, respondendo a perguntas e informando sobre as atividades da F Pac, a fim de conquistar a confiança e o apoio da população local e da opinião pública. A conquista dos corações e mentes é absolutamente fundamental nas Op Pac.

Mobilidade, contramobilidade e proteção

O emprego centralizado da 1ª Cia E Cmb Pqdt, com seus meios orgânicos, permitiu a execução dos trabalhos de engenharia em todos os setores, de acordo com as prioridades do Cmdo F Pac.

Houve boa coordenação com os elementos de manobra, sendo frequente a execução

de operações em conjunto com tropas de diversas naturezas – Fuz Pqdt, C Pqdt, C Mec e FuzNav. Destacam-se o emprego de atiradores de metralhadora do 1º Esqd C Pqdt em botes pneumáticos protegidos por coletes balísticos, aumentando o poder de combate e a segurança da tropa embarcada, e a realização de reconhecimentos especializados com motocicletas e VBTP, explorando diferentes possibilidades e formas de emprego dos Elm Eng.

Embora a defesa dos canteiros de trabalho realizada pelos próprios Elm Eng seja doutrinariamente encarada como uma exceção nas operações convencionais, em Op C F Irreg tropas de apoio ao combate e apoio logístico devem ser aptas a prover sua própria segurança, pois o campo de batalha é assimétrico e não linear. O cumprimento dessa missão de combate pelas frações orgânicas da 1ª Cia E Cmb Pqdt facilitou o desenvolvimento dos trabalhos, pois agilizou o desdobramento e atuação dos grupos de



Patrulhamento em botes pneumáticos protegidos por coletes balísticos.

engenharia (GE), que não dependiam da segurança dos elementos de manobra.

Os trabalhos de mobilidade e contramobilidade para melhoria e desobstrução de vias; construção de pontes para viaturas leves e blindadas; demolição de barricadas e posições de tiro das facções criminosas; construção de obstáculos para motocicletas em passarelas de pedestres; e os trabalhos de controle de danos não somente contribuíram para o êxito das operações, mas também para a conquista do apoio da população pelos benefícios que trouxeram aos habitantes locais.

Logística

A estrutura logística desdobrada na área de operações contou com dois escalões – um avançado e outro recuado. O escalão avançado foi constituído por módulos funcionais integrando um Dst Log da F Pac mobiliado pelo 20º BLog Pqdt e seus reforços. O escalão recuado foi composto por outras instalações logísticas não orgânicas

que apoiaram a F Pac, tais como a Base de Apoio Logístico do Exército (BaApLogEx), por meio do 1º Depósito de Suprimento (1º DSup), e do Depósito Central de Munição (DCMun), o Hospital Central do Exército (HCE) e o Hospital Geral do Rio de Janeiro (HGeRJ).

Para o estabelecimento das diversas bases, além das instalações fixas existentes foram disponibilizadas barracas canadenses para alojamentos e containeres do Estabelecimento Central de Transportes (ECT) para reservas de armamento. Foram contratados serviços de locação de banheiros químicos e containeres com chuveiros e serviços para reformas nas

instalações de um pavilhão de uma editora, base de uma Cia Fuz da FT SANTOS DUMONT, e do antigo aquartelamento do 24º BIB, base da FT VELAME.

A utilização de um container lavanderia do 20º BLog Pqdt atendeu bem à demanda da tropa, com custos significativamente menores do que se houvesse a contratação dos serviços de uma lavanderia.

A F Pac empregou 256 viaturas, das quais 209 do EB e 47 dos Fuzileiros Navais, dentre as quais 06 VBTP URUTU, 10 VBTP PIRANHA e 35 motocicletas. Das viaturas do EB, 157 pertenciam à Bda Inf Pqdt e 52 foram recebidas da 9ª Bda Inf Mtz (GUEs), ratificando

que operações dessa natureza requerem uma quantidade bem maior do que a necessária para o emprego em operações aeroterrestres.

A B Adm da Bda Inf Pqdt foi responsável pela aplicação de recursos financeiros recebidos do Esc Sp para a aquisição de bens e serviços para a F Pac. A criação de um Dst Ap Adm, subordinado ao Centro de Operações do Comando Militar do Leste (COp/CML), agilizou a continuidade do apoio

administrativo aos contingentes posteriores, cujos Cmdo Bda eram de fora da sede do Rio de Janeiro.

RESULTADOS DA OPERAÇÃO

Em Op C F Irreg, os resultados não são medidos pela quantidade de insurgentes mortos ou capturados. O mesmo se aplica às Op Pac, nas quais a quantidade de prisões e apreensões de armas, drogas e veículos roubados são apenas indicadores das ações realizadas.

No período de 5 de abril a 30 de maio, foram realizadas as seguintes ações:

Pela primeira vez, empregou-se uma FTopEsp constituindo uma F Pac, o que somente confirmou o altíssimo nível de preparo técnico-profissional e o efeito multiplicador de força desses especialistas em guerra irregular. Isto representa uma grande evolução para a F Ter ...

- Prisão por crime comum: 106
- Prisão por crime militar: 24
- Apreensão de menores de idade: 48
- Apreensão de armas: 15
- Apreensão de drogas: 84
- Recuperação de automóveis roubados: 43
- Recuperação de motocicletas roubadas: 32

O resultado mais importante na pacificação do Complexo da Maré é alcançar o estado final desejado – a conquista do apoio ativo da população e a desarticulação das facções criminosas – e os objetivos estratégico e político da operação – assegurar um ambiente seguro e estável e criar as condições adequadas para a instalação de UPPs.

Após dois meses de atuação da F Pac Maré e diante da comparação com a situação no início da operação, é possível afirmar que o EFD foi parcialmente atingido e o ambiente tornou-se relativamente seguro e estável. Em consequência disso, já havia condições mínimas de segurança para a instalação de UPPs.

REFLEXOS DA OPERAÇÃO

Organização

Além de suas unidades (U) e subunidades (SU) orgânicas, a estrutura modular de uma brigada de infantaria empregada como F Pac deve incluir infantaria e/ou cavalaria embarcada em viaturas blindadas de rodas e/ou de lagartas; uma FTOPEsp com Dst de FEsp, de comandos, de caçadores, de OAI e de precursores; uma seção de inteligência ampliada, com um grupo de operações de inteligência (GOI) orgânico, com significativa capacidade analítica e estruturada especialmente em torno de fontes humanas e de sinais; uma Cia PE, pois o efetivo de um Pel PE é insuficiente para a natureza da missão; um Dst Ap Adm com uma seção de aquisições, licitações e contratos (SALC) reforçada; uma Cia ou Btl de Polícia Militar sob controle operacional (Ct Op); células de especialistas em assuntos civis, de operações

de informação, de comunicação social, de cooperação civil-militar, de assessoria jurídica, de guerra eletrônica e de guerra cibernética; equipes de especialistas civis no terreno humano específico da missão; e meios de inteligência, vigilância e reconhecimento, particularmente helicópteros equipados com sistema Olho da Águia, sistemas de aeronaves remotamente pilotadas (SARP), câmeras táticas para o combatente individual e sensores terrestres, todos com capacidade de detecção e visão noturna.

Adestramento

Em 2012, a Bda Inf Pqdt enviou uma proposta ao COTER e ao EME para a construção, utilizando containers marítimos, nos fundos do aquartelamento do 8º GAC Pqdt, de uma área de treinamento para operações em terreno urbano com dez quarteirões; ruas, becos e vielas de diferentes larguras e edificações de até três andares, que permitiria o adestramento simultâneo de toda uma FT SU em exercícios táticos com elevado grau de realismo. A proximidade do Campo dos Afonsos viabilizaria ainda a realização de incursões aeroterrestres ou aeromóveis precedendo o investimento sobre a localidade. Essa área destinada à modalidade de simulação viva, com o uso do próprio armamento e equipamentos sensorizados, também serviria para o adestramento das demais tropas do CML, particularmente de suas Bda Inf, e de tropas oriundas de outros C Mil A quando fossem adestradas pelo Centro de Avaliação de Adestramento do Exército (CAAdEx) ou pelo Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB). A proposta está alinhada com o processo de transformação do Exército, que considera imperiosa e urgente a incorporação da simulação como importante ferramenta de adestramento individual e coletivo [25], e com a visão de futuro de dotar o CAAdEx com dispositivos de simulação de engajamento tático (DSET) para avaliar Btl e todos os C Mil A para adestrar frações até o nível SU.

Em 2014, a Bda Inf Pqdt propôs ao COTER a inclusão das Op C F Irreg nos seus objetivos de adestramento (OA). Essa GU não deve ficar limitada a adestrar-se somente para o assalto aeroterrestre – uma possibilidade de emprego bem mais remota na atualidade [26]. Sugere-se que as Op C F Irreg sejam incluídas também nos OA atribuídos à 12ª Bda Inf L (Amv) e à Bda Inf Sl, a fim de fortalecer essa capacidade operativa no EB.

Uma vulnerabilidade que precisa ser superada pelos demais contingentes, que reúnem U e SU de diferentes brigadas e guarnições de fora do RJ, é a falta de familiaridade com o terreno humano e de experiência tática em ambiente operacional de favelas, a inexistência de laços táticos anteriores entre as frações e a natureza

heterogênea do preparo dessas tropas. Para isso, à semelhança do preparo do BRABAT, há necessidade de centralizar e nivelar o adestramento da F Pac por um período maior do que os atuais dois meses antes do desdobramento.

Equipamento

No início da operação, foi evidenciada a falta de alguns materiais individuais básicos, em particular barracas “iglu”, que são um item crítico para uma tropa de pronto emprego, uma vez que sua disponibilidade possibilita o desdobramento imediato da tropa no terreno, com a mínima infraestrutura de instalações.

O incremento do grau de precisão do atirador equipado com miras holográficas e óculos de visão noturna aliado à utilização



Patrulhando o terreno urbano da favela

de armamentos calibre 5,56 mm, como o fuzil IMBEL IA2, aumentariam o poder de combate das tropas e reduziriam os riscos de indesejáveis danos colaterais à população.

A distribuição de espingardas calibre 12 e de lançadores 38.1 mm deve atender à dotação mínima de 02 espingardas e 01 lançador por grupo de combate (GC), a fim de proporcionar flexibilidade com a utilização de armamentos e munições não letais, particularmente em operações de controle de distúrbios, que ocorriam frequentemente quando se efetuavam prisões.

O emprego de VBTP de lagartas M113 e de modernas VBTP-MR 6x6 GUARANI em acréscimo às VBTP URUTU foi uma grande evolução, mas ainda há necessidade urgente de dotar a F Pac com viaturas leves blindadas (VBMT-LR 4x4). As viaturas utilizadas não oferecem qualquer proteção blindada aos seus ocupantes. Nesse ambiente operacional de favelas há severa vulnerabilidade a atiradores de tocaia, dada a existência de muitas lajes sobre as edificações. Além disso, viaturas equipadas com GPS veicular facilitariam a orientação e aumentariam a consciência situacional.

A Bda Inf Pqdt e a 12ª Bda Inf L (Amv), integrantes da FAR-E, deveriam possuir uma quantidade de meios que permitisse seu emprego imediato, sem grandes necessidades de obtenção e recompletamento dos materiais de emprego militar (MEM) durante o cumprimento da missão. Uma ideia a ser estudada seria designá-las como brigadas-piloto dos Projetos PROTEGER e COBRA (Combatente Brasileiro)

Doutrina de emprego

A Doutrina Militar Terrestre (DMT) compreende o conjunto de valores, princípios, conceitos básicos, normas, métodos e processos que visa orientar a organização, o preparo e o emprego da F Ter. Ela é difundida por meio de manuais de campanha, manuais técnicos, cadernos de instrução, notas e

instruções de coordenação doutrinária [27].

Constata-se que, na atualidade, na qual o conflito irregular assimétrico é a maior ameaça à paz e à segurança internacionais, há necessidade de elaboração de manuais de campanha que orientem a organização, o preparo e o emprego das Bda Inf em Op C F Irreg e que aproveitem a bem-sucedida experiência brasileira nessas operações. Destacam-se como fontes de consulta os manuais do Exército dos EUA FM 3-24 *Counterinsurgency*, FM 3-24.2 *Tactics in Counterinsurgency* e FM 3-06 *Urban Operations*, que reúnem lições aprendidas e aspectos doutrinários importantes e atuais sobre esse tipo de operação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O EB está operando em ambiente urbano há mais de dez anos no Haiti e participando de mais uma Op Pac em favelas do RJ, mas ainda não tem uma área de treinamento de operações em terreno urbano com características e dimensões compatíveis para as necessidades de preparo para o combate moderno. Só existem pequenas pistas de combate em localidade que limitam bastante o adestramento de frações do nível Pel e SU. O investimento não seria muito alto para dotar a Guarnição da Vila Militar com uma estrutura adequada para o adestramento da tropa visando diferentes tipos de operações – operações de pacificação, operações de paz, operações de GLO e operações convencionais de ataque e defesa em terreno urbano.

No nosso país, hoje, a participação protagonista (e não mais coadjuvante) das Forças Armadas, principalmente do EB, na sempre muito bem sucedida pacificação de favelas completamente dominadas pelo narcotráfico, demonstra, inequivocamente, que esse problema deixou de ser de Segurança e Ordem Pública e passou a ser de Segurança Nacional [28].

Por outro lado, é preciso evitar a

banalização do emprego do Exército em Operações Tipo Polícia de GLO, desvirtuando-o de sua competência essencial como Força Armada – executar Operações de Combate. É a capacidade de conduzir Operações contra Forças Irregulares que diferencia o Exército das polícias e que garante o êxito das Operações de Pacificação.

Empregar a F Ter como polícia e não como Força Armada, sem o devido preparo para Op Cmb em ambiente urbano, é correr o risco de perder a credibilidade – algo inadmissível para o invicto Exército de Caxias – e de ver o Brasil transformar-se num país dominado pelo narcoterrorismo, com diversos cartéis de drogas desafiando o poder do Estado numa espiral sangrenta de terror e violência extremista.

Embora retendo a capacidade de conduzir operações de combate de alta intensidade, o Exército precisa quebrar antigos paradigmas e transformar sua cultura institucional e sua doutrina para assumir outras missões que não o combate convencional terrestre, particularmente as Op C F Irreg – preponderantes no amplo espectro dos conflitos modernos. Do contrário, a F Ter estará despreparada para enfrentar e vencer as ameaças do século XXI.

É possível questionar doutrinariamente se as facções criminosas brasileiras – que “aparentemente” não possuem motivações político-ideológicas – podem ser consideradas forças irregulares, mas é impossível negar que elas atuam com as mesmas táticas, técnicas e procedimentos de guerrilheiros e terroristas. Diante disso, quando a F Ter for empregada em Op Pac, é necessário enfrentá-las e

vencê-las executando operações de combate contra F Irreg.

Atuando em ambiente operacional complexo e hostil, a tropa paraquedista cumpriu muito bem a missão recebida. Seus combatentes profissionais impuseram e mantiveram a lei e a ordem, conquistaram o apoio da população local e desarticularam facções criminosas fortemente armadas, criando um ambiente seguro e estável que permitia a livre circulação e atuação de pessoas e agências civis.

Após dois meses de operação, estava cumprida a missão constitucional de atuar, de forma “episódica e temporária”, para restabelecer e garantir a lei e a ordem.

O êxito da operação de pacificação do Complexo da Maré, conduzida pela Bda Inf Pqdt em abril e maio de 2014, foi consequência da audácia, coragem, determinação e agressividade do Soldado Paraquedista; da iniciativa e liderança dos comandantes em todos os níveis; e da

coesão e adestramento dessa tropa que, desde as bem-sucedidas operações contra a subversão e o terrorismo rural e urbano nas décadas de 60 e 70, foi consagrada como **A ELITE DO COMBATE CONTRA FORÇAS IRREGULARES!**

Diante dos resultados alcançados pela F Pac Maré é da comparação com a situação no início da operação, é possível afirmar que o estado final desejado foi parcialmente atingido e o ambiente tornou-se relativamente seguro e estável, havendo condições mínimas de segurança para UPPs.

BRASIL ACIMA DE TUDO !

- [1] MANWARING, Max G. **Street gangs: the new urban insurgency**. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, March 2005.
- [2] PINHEIRO, Gen Bda Alvaro de Souza. **As ambiguidades estratégicas da violência extremista e do conflito irregular assimétrico do século 21**. Estado-Maior do Exército. Doutrina Militar Terrestre em Revista. 3.ed., Jul a Set 2013. p. 45.
- [3] LEALI, Francisco. Conexão Líbano-Brasil: traficantes ligados ao Hezbollah se associaram à facção que atua em presídios paulistas. **O Globo**, Rio de Janeiro, Domingo 09 Nov, 2014. p. 3.
- [4] PINHEIRO, Gen Bda Alvaro de Souza. **Irregular Warfare: Brazil's fight against criminal urban guerrillas**. Joint Special Operations University (JSOU) Report 09-8, September 2009. p. 17.
- [5] BDA INF PQDT. **Ordem de Operações Maré**. Rio de Janeiro, Abr 2014.
- [6] Ibid.
- [7] Ibid.
- [8] WEST, Bing. **The wrong war: grit, strategy and the way out of Afghanistan**. Random House, Inc., New York, 2011. p. 110.
- [9] U.S. Department of the Army. Field Manual 3-24.2. **Tactics in Counterinsurgency**. Washington, D.C., 2009. p. 3-17.
- [10] BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha EB20-MC-10.217. **Operações de Pacificação**. 1.ed., 2015. p. 2-10, 2-11 e 5-19.
- [11] BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha C 85-1. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. 2.ed., 2010. p. 2-1, letra a.
- [12] BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha EB20-MC-10.217. **Operações de Pacificação**. 1.ed., 2015. p. 2-12, fig. 2-6.
- [13] Ibid. p. 2-5, par. 2.3.7.3.
- [14] BDA INF PQDT. **Relatório final da operação de pacificação no Complexo da Maré**. 1º Contingente. Rio de Janeiro, Mai 2014.
- [15] Denominação utilizada pelos Fuzileiros Navais norte-americanos. O Exército dos EUA usa o nome de Company Intelligence Support Teams.
- [16] FLYNN, Michael T. et al. **Fixing Intel: a blueprint for making intelligence relevant in Afghanistan**. Center for a New American Security. Jan 2010.
- [17] FERREIRA, Cap Inf Alexandre da Silva. **O emprego da Célula de Inteligência da SU durante as Operações da Força de Pacificação Maré**. Trabalho premiado no concurso literário do Simpósio de Operações Aeroterrestres da Bda Inf Pqdt. 2014. p. 3.
- [18] As oito operações de imposição da paz foram: Japão (1945), Somália (1992), Haiti (1994), Bósnia (1995), Eslovênia Oriental (1996), Timor Leste (1999), Kosovo (2000) e Iraque (2003).
- [19] DOBBINS, James et al. **The beginner's guide to nation-building**. RAND Corporation, 2007. p. 41.
- [20] U.S. Department of the Army. Field Manual 3-24. **Counterinsurgency**. Washington, D.C., 2006. p. 1-13.
- [21] JONES, Robert W. **Team Tank Armor in support of Special Operations**. Veritas: Journal of Army Special Forces History, Winter 2005. p. 69-73. In: GORDON, Michael R.; TRAINOR, Bernard E. Iraque: um conflito polêmico. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010. p. 446.
- [22] MOYAR, Mark. Joint Special Operations University (JSOU) Report 14-7. **Village Stability Operations and the Afghan Police**. October 2014. p. 86.
- [23] BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha EB20-MC-10.213. **Operações de Informação**. 1.ed., 2014. p. 2-6, par. 2.3.4.
- [24] MANSOOR, Peter R. **Bagdá ao Alvorecer: a Guerra de um Comandante no Iraque**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011. p. 392.
- [25] BRASIL. Estado-Maior do Exército. **O Processo de Transformação do Exército**. 3.ed., Mai 2010. p. 40.
- [26] ESCOTO, Gen Bda Roberto. **A Bda Inf Pqdt e os Conflitos do Século XXI: Assalto ou Incursão Aeroterrestre?** Estado-Maior do Exército. Doutrina Militar Terrestre em Revista. 4.ed., Out a Dez 2013. p.

80-90.

[27]BRASIL. Estado-Maior do Exército. EB10-IG-01.005. **Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina do Exército**. 3.ed., 2012.

[28] PINHEIRO, Gen Bda Alvaro de Souza. **As Ambiguidades Estratégicas da Violência Extremista e do Conflito Irregular Assimétrico do Século 21**. Estado-Maior do Exército. Doutrina Militar Terrestre em Revista. 3.ed., Jul a Set 2013. p. 46.

